

Com o número 42, *Educação em Revista* entrou em sua maioridade, ao completar 21 anos de publicação ininterrupta. Neste número 43, Magda Soares, a primeira editora da Revista, conta-nos um pouco dessa história, em um balanço sobre as mudanças nas publicações na área de Educação. Magda descreve a criação da pós-graduação em Educação no Brasil e como, nesse contexto, surgiram os primeiros periódicos da área. Em uma visão crítica sobre os mecanismos atuais de avaliação da produção científica, a entrevista de Magda dá continuidade ao debate sobre o momento atual da universidade brasileira, iniciado por *Educação em Revista* no artigo publicado em *Palavra Aberta*, no número 42. Para o público acostumado com suas posições lúcidas sobre alfabetização e letramento, Magda mostra os equívocos do debate fomentado pela mídia sobre métodos de alfabetização.

Educação em Revista tem sido um espaço para a divulgação das pesquisas e a reflexão sobre a produção de conhecimento na área. Refletindo a diversidade de temáticas e de abordagens teórico-metodológicas que caracterizam a pesquisa em Educação, neste número são publicados artigos sobre Educação em Ciências, Ensino de Artes, Ética e Cidadania, Educação de Jovens e Adultos, Sociologia da Educação, Formação de Professores, Educação Matemática e História da Educação.

No artigo de abertura, "A argumentação sobre questões sociocientíficas: processos de construção e justificação do conhecimento em sala de aula", María Pilar Jiménez Aleixandre e Marta Federico Agraso identificam padrões de argumentação usados por alunos do Ensino Médio ao discutirem problemas ambientais reais ocorridos na região espanhola da Galícia: o projeto de saneamento da bacia de um rio, envolvendo a gestão ambiental de um pântano, e a maré negra provocada pelo derramamento de óleo do petroleiro *Prestige*. O objetivo do artigo é documentar os processos de raciocínio usados pelos(as) alunos(as) para justificar os argumentos apresentados. Usando os esquemas de argumentação desenvolvidos por Toulmin e por Walton, as autoras concluem que os(as) alunos(as) são capazes não apenas de justificar suas posições, mas também de assinalar a fraqueza das posições de outros atores sociais. Nesse contexto, a discussão em sala de aula de problemas reais, abertos e interdisciplinares, ajuda a formar cidadãos preparados para tomarem decisões e criticar a decisão tomada por outros.

A discussão sobre a ética e os desafios que ela coloca aos educadores é tratada em dois belos artigos deste número. "Docência artista: arte, gênero

e ético-estética docente”, escrito por Luciana Gruppelli Loponte, propõe a formação de um tipo de docência que subverta padrões implícitos no ensino de arte. Um ensino que, embora feito em sua grande maioria por mulheres, costuma manter uma ótica masculina e seguir receituário que silencia as vivências das próprias professoras. Partindo de algumas noções de Michel Foucault e da análise de uma longa experiência com um grupo de mulheres docentes, suas “escritas de si” e relações de amizade, Luciana propõe um outro *ethos*, um modo artista de relação com a própria docência, que signifique uma aproximação entre vida e obra de arte.

Em “A morada do educador: ética e cidadania”, Amauri Carlos Ferreira apresenta a ética e a política como dimensões essenciais da educação. O autor retoma categorias centrais da filosofia moral – sujeito, liberdade e autonomia – e mostra como essas noções se articulam com diferentes tipos de saberes e com os princípios éticos do sujeito contemporâneo. Além de oferecer uma reflexão teórica desses princípios, o autor analisa a ética do cuidado, o aprendizado da solidariedade e a aprendizagem do respeito a valores diferentes, essencial para a solução de conflitos sem o uso de violência.

Os dois artigos seguintes discutem a temática da Educação de Jovens e Adultos, com abordagens diferentes e que apresentam discussões bastante distintas. Em “Debite um analfabeto no seu cartão: a solidariedade como estratégia para alfabetizar a população e desresponsabilizar o Estado”, Clarice Salete Traversini, fundamentada em conceitos elaborados por Michel Foucault, faz uma instigante análise do Programa Alfabetização Solidária (PAS), criado em 1997 e divulgado como uma política nacional para erradicação do analfabetismo no Brasil. A autora argumenta que, por meio de práticas “de solidariedade”, tais como “adoção de analfabetos”, “multiplicação de sujeitos solidários” e “empresariamento do analfabetismo”, o Programa Alfabetização Solidária espera reduzir o analfabetismo e aumentar a responsabilidade da sociedade civil na solução dos problemas sociais do país. A autora mostra ainda que, ao se enredar com a racionalidade neoliberal, a solidariedade constitui-se em uma estratégia que, ao mesmo tempo, promove a alfabetização de jovens e adultos e pode desresponsabilizar o Estado em relação aos direitos sociais.

Maria Clarisse Vieira, no artigo “Possíveis impactos das políticas de avaliação na Educação de Jovens e Adultos: O ENCCEJA (2002) em questão”, apresenta um estudo da proposta de avaliação nacional criada para a área de EJA, denominada Exame Nacional de Certificação de Competências da Educação de Jovens e Adultos (ENCCEJA). Com base em autores que discutem

questões dos campos da educação e do trabalho, a autora problematiza a centralidade dos processos de avaliação nacional e os significados da noção de competência subjacentes ao ENCCEJA. O artigo situa as políticas públicas de EJA no interior da reforma de ensino implementada no Brasil a partir da década de 1990 e discute possíveis significados da implementação do ENCCEJA na política educacional brasileira.

No artigo intitulado “Um perfil sociológico do aluno atual do curso de Pedagogia da FaE/UFMG”, Henrique Melo Franco Ribeiro e Maria José Braga Viana discutem os dados demográficos e familiares dos alunos, bem como suas trajetórias escolares, juntamente com os dados sobre a concomitância trabalho/estudos, por meio da análise de conteúdo de um *corpus* de 122 autobiografias escolares. Os autores mostram alguns traços que marcaram nitidamente esse retrato, em termos de sua predominância, tais como: a presença do sexo feminino; a frequência à escola pública e à modalidade técnico/profissionalizante no ensino médio (no passado escolar desses alunos); o forte pertencimento aos meios populares; e a necessidade de conciliar trabalho e estudo desde o ensino médio. Mostram ainda que parte significativa dos alunos não tinha, na origem, condições socioculturais e econômicas que fossem favorecedoras do seu acesso ao ensino superior, e consideram essa situação um importante traço do perfil dos estudantes investigados.

Os dois artigos seguintes abordam a questão da formação docente em contextos bastante diferenciados. Em “La formación continuada del professor universitario: el papel de la clase metodológica”, Orlando Fernández Aquino e Roberto Valdés Puentes apresentam um modelo teórico-instrumental para a preparação, realização e avaliação da aula metodológica, considerada pelos autores como um dos tipos fundamentais do trabalho docente na universidade. O modelo tem por base uma concepção dialético-materialista do trabalho metodológico e tem sido utilizado pelos autores nas práticas educativas, possibilitando sua validação.

Em “O curso de Pedagogia e a formação inicial do professor para o trabalho com os saberes disciplinares de Matemática”, Aleksandre Saraiva Dantas analisa como o curso de Pedagogia de uma universidade pública forma seus alunos para o trabalho com os saberes disciplinares da Matemática nas séries iniciais do ensino fundamental. Por meio de questionário aplicado a um grupo de formandos e dialogando com a literatura sobre saberes docentes, formação de professores e ensino de matemática, o autor evidencia que o curso de Pedagogia enfatiza procedimentos metodológicos em detrimento

dos conteúdos matemáticos, o que faz com que muitos alunos desse curso não dominem os conceitos básicos dessa disciplina nem os procedimentos para resolver problemas que deverão ensinar aos seus alunos.

O Ensino de Matemática também é tema do artigo “A criação da disciplina escolar Matemática no Brasil e seu primeiro livro didático”. Seu autor, Wagner Rodrigues Valente, analisa o primeiro livro didático de Matemática, disciplina que havia sido criada no Colégio Pedro II (Rio de Janeiro), em 1929, em substituição às disciplinas autônomas Aritmética, Álgebra e Geometria. Editada em São Paulo, a obra disputa o mercado editorial com os livros do próprio Colégio Pedro II. Ao analisar o livro didático no contexto da criação da disciplina escolar Matemática, o autor utiliza-se do referencial teórico-metodológico da “História das Disciplinas Escolares”, que tem em André Chervel seu principal representante.

A partir da perspectiva da história cultural dos livros, em que se procura compreender os textos em seus contextos de produção e difusão de idéias e práticas, o artigo “Universos da devoção, sabedoria e moral – as Bibliotecas Juvenis Garnier (1858 e 1920)”, de Andréa Borges Leão, analisa as coleções para crianças e jovens de uma das principais editoras de nossa história. A companhia francesa Garnier e a livraria montada por um dos irmãos Garnier no Rio de Janeiro desempenharam um importante papel na importação e adaptação de obras e gêneros, assim como na formação de um público leitor no Brasil. Nesse artigo, vemos as motivações e estratégias editoriais de seleção e hierarquização de conhecimentos na publicação de literatura infanto-juvenil brasileira e na construção de “seus clássicos”.

Para finalizar, *Educação em Revista* traz as resenhas dos livros *Observando o Islã*, de Clifford Geertz, e *L'Histoire Culturelle*, de Pascal Ory, escritas por Karla Cunha Pádua e Rita Cristina Lima Lages e Silva, respectivamente.

Gostaríamos de agradecer a todos que, ao longo desses anos, têm contribuído para fazer de *Educação em Revista* uma referência na publicação de resultados da pesquisa em educação em nosso país. Agradecemos também aos autores e pareceristas que tomaram possível este número; e, por fim, ao apoio financeiro e material da atual direção da FaE/UFMG, da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG e do CNPq, que possibilitaram a publicação deste número.

Eduardo Fleury Mortimer (Editor)
Bernardo Jefferson de Oliveira
Marlucy Alves Paraíso